



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS – IL**  
**DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS - TEL**

**LEANDRA DE ALMEIDA RAMOS**

**OS IMPACTOS DAS FAKE NEWS NAS INTERPRETAÇÕES DOS FATOS**

**Brasília / DF**

**2021**

**LEANDRA DE ALMEIDA RAMOS**

**OS IMPACTOS DAS FAKE NEWS NAS INTERPRETAÇÕES DOS FATOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
Departamento de Linguística, Português e  
Línguas Clássicas da Universidade de Brasília  
– UnB, como requisito para a conclusão do  
curso de Letras – Português Licenciatura.

Orientação: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Juliana Soledade Barbosa

**Brasília / DF**

**2021**

*Dedico este trabalho aos meus pais que sempre estiveram comigo nessa caminhada, a todos que de alguma forma passaram pela minha vida e, por último, mas não menos importante, a mim por não ter desistido.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha família por sempre estar ao meu lado e me apoiar durante todo a minha jornada não só acadêmica, como também de vida. Com certeza, não teria sido a mesma coisa sem vocês.

Agradeço à professora Leticia Sallorenzo de Freitas por ter aceitado o desafio de me orientar e ter sido tão compreensiva. Você foi essencial para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço aos meus amigos por estarem ao meu lado em todos os momentos desde antes de entrar na Universidade. Acreditem, vocês tornaram minha jornada muito mais leve.

“Nas sociedades modernas, o acesso ao discurso é uma condição primordial à construção do consenso, e, assim, configura-se como o modo mais efetivo de exercer o poder e a dominância.” (VAN DIJK, 2012, p. 111)

## **RESUMO**

A desinformação é um fenômeno que extrapola os meios de comunicação, e se vale do ambiente das redes sociais para se espalhar viralmente. E, para compreender seu processo de produção e suas consequências cognitivas sobre seus receptores, vamos analisar uma mensagem típica de Whatsapp. Conhecer e compreender os diversos métodos usados para direcionar e controlar o entendimento das notícias ajuda a perceber um ato criminoso. Com base na linguística cognitiva utilizamos conceitos como: firehosing (RAND CORPORATION, 2016); frames (LAKOFF, 2008); modelos mentais (VAN DIJK, 2012); informação incorreta, desinformação, má informação (WARDLE, 2017) e desinformação (UNESCO, 2020) para identificar o uso de estruturas ideológicas, além de compreender a formação textual usada na produção da desinformação – que incentiva o consumo de remédios ineficazes com as mesmas ferramentas com que atentam contra o Estado Democrático de Direito.

**Palavras- chave:** Desinformação. Modelos mentais. Firehosing.

## **ABSTRACT**

Disinformation is a phenomenon that goes beyond the media. It takes advantage from social media environment to spread virally. In order to understand its production process and its cognitive consequences for its receptors, this paper aims at analyzing a typical Whatsapp message. Knowing and understanding the various methods used to lead and control the understanding of the news helps us identifying a criminal act. Based on cognitive linguistics, we use concepts such as: firehosing (RAND CORPORATION, 2016); frames (LAKOFF, 2008); mental models (VAN DIJK, 2012); misinformation, disinformation and malinformation (WARDLE, 2017) and disinfodemics (UNESCO, 2020) to identify the use of ideological structures, in addition to understanding the textual formation used in the production of disinformation – which encourages the consumption of ineffective remedies with the same tools used for attacking the Democratic State.

**Keywords:** Disinformation. Mental models. Firehosing.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	<b>6</b>
<b>1</b> <i>Introdução</i> .....	<b>9</b>
<b>2</b> <i>a estruturação cognitiva das chamadas Fake News: teorias</i> .....	<b>11</b>
<b>2.1</b> <b>Firehosing</b> .....	<b>11</b>
<b>2.2</b> <b>O fenômeno do firehosing e o conceito de frame</b> .....	<b>11</b>
<b>2.3</b> <b>Modelos mentais</b> .....	<b>12</b>
<b>3</b> <i>a estruturação cognitiva das chamadas Fake News: prática</i> .....	<b>14</b>
<b>3.1</b> <b>O conteúdo analisado</b> .....	<b>14</b>
<b>4</b> <i>Considerações Finais</i> .....	<b>19</b>
<b>5</b> <i>Referências</i> .....	<b>20</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O termo Fake News é surrado e desgastado diuturnamente. Qualquer coisa que desagrade a um autocrata pode ser chamada de Fake News. Assim, Donald Trump diz que CNN é Fake News, e Jair Bolsonaro joga a acusação sobre a Folha de São Paulo ou sobre a urna eletrônica, conforme lhe convier. Por isso, a expressão não é adequada para o ambiente acadêmico, conforme explica Wardle (2017). A autora propõe uma tipologia diferente para trabalhar características de um fenômeno que existe, sim, e que pode ser categorizado de diferentes formas:

**a) informação incorreta** – informações falsas são compartilhadas, mas sem o intuito de causar dano; **b) desinformação** – informações falsas compartilhadas com o intuito de causar dano; **c) má informação** – informações verdadeiras, mas descontextualizadas são compartilhadas com o intuito de causar dano. (WARDLE, 2017) (tradução nossa)

A grande maioria dos casos de “Fake News” podem ser categorizados nessa tipologia proposta por Wardle como Desinformação. Por sua vez, a desinformação sobre a Covid-19 é um fato tão grave que a Unesco (2020) cunhou o termo desinfodemia para definir o fenômeno:

A nova desinformação sobre a COVID-19 cria confusão referente à ciência médica, com impacto imediato em todas as pessoas do planeta e em sociedades inteiras. Ela é mais tóxica e mais letal que a desinformação sobre outros assuntos. É por isso que este resumo de políticas criou o termo desinfodemia. (UNESCO, 2020)

Com o uso de estratégias focadas na emoção e nos sentimentos das pessoas, o fenômeno da desinfodemia acaba por afetar e mudar a vida das pessoas e a forma como compreendem o mundo. A Pandemia da Covid-19 evidencia, ainda mais, a força da desinformação, pois em sua vigência várias notícias sobre formas de combate ao vírus foram espalhadas e muitas delas vieram a causar danos à saúde física e mental das pessoas.

O uso da desinformação contribui para o desenvolvimento do poder social, ou seja, “controle de um grupo sobre outros grupos e seus membros” (VAN DIJK, 2000, p. 17). O autor afirma que esse poder pode ser exercido pelo uso dos meios de comunicação, como televisão e discursos políticos que direcionam o acesso a determinadas falas e conteúdos, mas podemos incluir aqui, também, as redes sociais, uma vez que estas são, atualmente, o canal mais utilizado para disseminação de desinformação.

As interações típicas dos ambientes de redes sociais possibilitam a construção de modelos mentais sobre os diversos acontecimentos. Van Dijk (2000) explica os modelos mentais como

representações episódicas de eventos diários dos quais participamos, testemunhamos (na TV ou na vida real) ou sobre os quais lemos são chamados modelos mentais. [...] em outras palavras, a maneira como percebemos, compreendemos ou interpretamos nossa realidade cotidiana ocorre a partir da construção ou reconstrução (atualização ou modificação) desses modelos [...]. Os modelos também incorporam opiniões sobre os eventos dos quais participamos, testemunhamos ou sobre os quais ouvimos falar. Assim, a leitura de jornal sobre a guerra civil na Bósnia nos faz não só formar modelos mentais sobre os eventos, como provavelmente associar essas informações com opiniões negativas sobre crimes de guerra (VAN DIJK, 2000, p. 21).

Ocorre que essas fontes alimentadoras dos modelos mentais são, elas mesmas, ideologicamente estruturadas. Os critérios ideológicos serão a base “teórica” para a estruturação de discursos em forma de manchetes, figuras retóricas, metáforas etc. que, por sua vez, são estruturadas a partir de estratégias semânticas ou mesmo sintático-semântico-pragmáticas, como a opção pela voz ativa ou passiva em uma estrutura textual que corrobora na disseminação do conteúdo e, conseqüentemente, alcançam mais ouvintes.

## 2 A ESTRUTURAÇÃO COGNITIVA DAS CHAMADAS FAKE NEWS: TEORIAS

### 2.1 FIREHOSING

O ambiente das redes sociais permite a disseminação de informações em grande volume, vindos de diversos canais diferentes e não necessariamente condizentes com a verdade. Esse fenômeno foi batizado pelo think tank americano Rand Corporation (2016) como Firehosing, numa metáfora com as mangueiras de incêndio usualmente acopladas a hidrantes. O conceito é tão importante que, mesmo sem ser nomeado, foi usado na ordem de prisão emitida pelo Supremo Tribunal Federal (STF) contra o blogueiro bolsonarista Allan Dos Santos<sup>1</sup>.

Nesse documento, o relator do processo, ministro Alexandre de Moraes, define o fenômeno de forma tão simples e resumida que tomaremos a liberdade de usá-lo, conforme consta à página 2, que descreve a “suposta organização criminosa” da qual o blogueiro faz parte, e que “realiza transmissão de informação com as seguintes características” [características essas que definem o firehosing, conforme a Rand Corporation]:

a) em “alto volume” e por multicanais, implicando em variedade e grande quantidade de fontes; b) rápida, contínua e repetitiva, focada na formação de uma primeira impressão duradoura no receptor, a qual gera familiaridade com a informação e, conseqüentemente, sua aceitação; c) sem compromisso com a verdade; e d) sem compromisso com a consistência do discurso ao longo do tempo (i.e., uma nova difusão pode contrariar absolutamente a anterior sem que isso gere perda de credibilidade do emissor).

### 2.2 O FENÔMENO DO FIREHOSING E O CONCEITO DE FRAME

O firehosing dialoga amplamente com o conceito de frame, que pode ser definido como o conjunto de ideias acionadas por qualquer tipo de informação absorvida pelo cérebro. O método de firehosing consiste na repetição de frames, de forma que as pessoas absorvam e se familiarizem com os temas abordados, e os percebam como de extrema importância (já que “só se fala nisso” nos ambientes frequentados e nos canais de informações consumidos pelos indivíduos que são alvos do firehosing).

As pessoas captam (seja sensorialmente, seja racionalmente) as informações do mundo em que vivem e as processam em forma de frames e narrativas (LAKOFF, 2008).

---

<sup>1</sup> Ordem de prisão contra Allan dos Santos disponível em <https://www.jota.info/stf/do-supremo/allan-dos-santos-presos-preventivamente-21102021>. Acesso em 22 out 2021

Ao entendermos o processo cognitivo do framing, percebemos que as notícias são formadas de pequenas narrativas. De acordo com Lakoff,

“narrativas complexas – como a história de vida de qualquer pessoa, ou mesmo contos de fadas, novelas e dramas – são formadas por narrativas menores e com estrutura simples. Essas estruturas são chamadas de frames ou scripts, que se interligam a partir das conexões neurais (neural bindings) (LAKOFF, 2008, p. 22)”.

Esses frames ou scripts moldam, em nossos pensamentos, juízos de valor a respeito de pessoas, fatos, coisas e ideias. E esses juízos de valor, por sua vez, são formados não só racionalmente, mas (e principalmente) de forma sensorial. O cheiro forte da jaca, por exemplo, pode acionar em sua mente lembranças boas ou ruins, e esses gatilhos foram acionados de forma sensorial em sua mente.

O modo como percebemos, compreendemos e entendemos o mundo e as pessoas ao nosso redor se dá por meio de pequenas e simples estruturas que, por sua vez, constroem a compreensão de diferentes cenários. Podemos concluir que frames são associações de ideias que usamos para construção de narrativas e que, ao fim e ao cabo, permeiam nossa percepção da realidade.

Ao cruzar a definição de firehosing com a de frame, percebemos que a informação disseminada em alto volume e alta rapidez por diferentes canais (itens a e b da definição do STF) são, conforme Lakoff (2008), um frame repetido à exaustão, ininterruptamente, de forma a fazer as pessoas vítimas de firehosing entendê-lo como verdade e como visão única e possível de mundo.

Lakoff cita ainda a importância do “frame first”, ou seja, contar a história primeiro, à sua forma. Ao fazer isso, quem lê/ouve a narrativa pela primeira vez vai adotar essa primeira visão narrativa (ideia explicada de forma bem mais simples por nossas avós, que diziam que “a primeira impressão é a que fica”).

### **2.3 MODELOS MENTAIS**

Modelos mentais “formam a base cognitiva de todo discurso e interação individual” (VAN DIJK, 2012, p. 204) essas estruturas são “socialmente compartilhadas e relacionadas aos interesses de um grupo e seus membros, é adquirida, confirmada ou alterada, principalmente, por meio da comunicação e do discurso” (VAN DIJK, 2012, p. 43)

Uma pessoa que se cerca de pessoas que partilham das mesmas ideologias e recebem um material que Wardle (2017) classifica ou como informação incorreta (misinformation) ou

como desinformação (disinformation), a probabilidade de questionar a veracidade do conteúdo é mínima, pois todos partilham da mesma informação, e apreendem-na a partir da mesma base ideológica, acabam concordando com seu conteúdo, sem que este seja questionado ou ponderado. Correia, Jerónimo e Gradim explicam esse comportamento com o conceito do viés de proximidade:

Os contextos de proximidade são normalmente reforçados pela sintonia de ideias, empatia de sentimentos, laços afetivos e partilha de convicções comuns. Logo, tornam possível que o público prescindia da verificabilidade em detrimento da verossimilhança e da integração grupal. (CORREIA, JERÓNIMO e GRADIM, 2019, p. 17)

Ou seja, a forma como as pessoas recebem e percebem as informações perpassam por suas relações sociais e são confirmadas ideológica e socialmente. E nesse contexto, não importa se a notícia é verídica: basta que as pessoas concordem ou achem que a notícia poderia ser verdadeira para que esta seja aceita.

### 3 A ESTRUTURAÇÃO COGNITIVA DAS CHAMADAS FAKE NEWS: PRÁTICA

A partir da tipologização da desordem da informação oferecida por Wardle (2017), temos elementos para identificar o que o senso comum convencionou chamar de Fake News. Esses conteúdos são produzidos para captar a atenção das pessoas. Por isso, se valem de expressões com forte apelo emocional, religioso, e apresentam a *verdade dos fatos* como uma suposta omissão de informações por parte da mídia e/ou governo. E, para fazer valer sua versão (ou narrativa) dos fatos, não hesitam em desacreditar estudos científicos ou autoridades em saúde. A forma desse conteúdo também tem características próprias: ocorre o uso de palavras em caixa-alta, muitas com erros grosseiros de ortografia ou de sintaxe. Não há citação de fontes, geralmente há relatos de experiências pessoais que substituem comprovações científicas. Essa mistura confusa é apresentada como conteúdo inédito, que parte de informações verdadeiras para maquiar sua credibilidade.

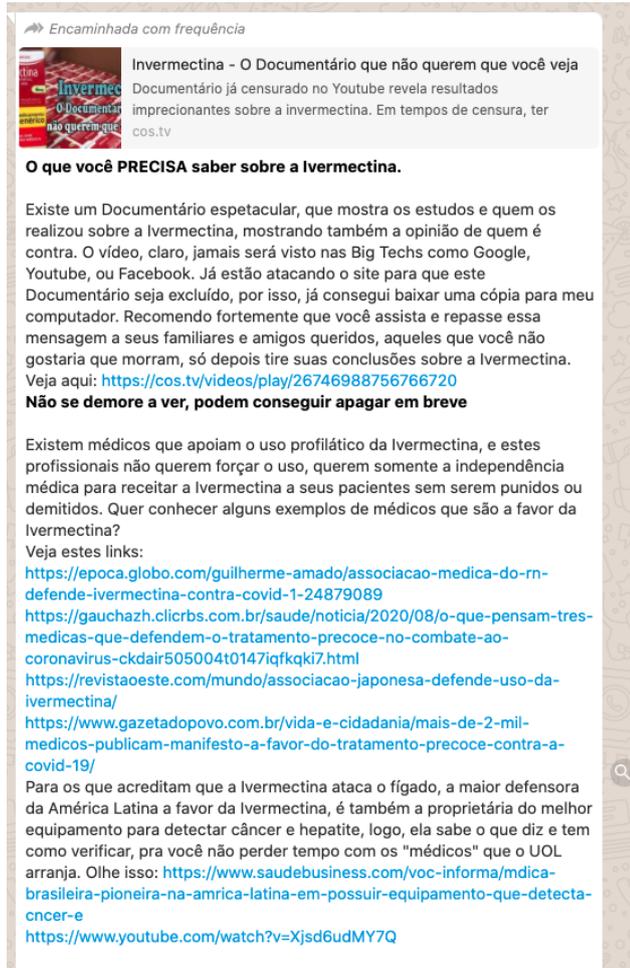
Usaremos esse conceito e essas características para analisar uma mensagem compartilhada no Whatsapp que trata sobre o uso da Ivermectina, substância que supostamente evitaria o contágio ou a forma grave de Covid.

#### 3.1 O CONTEÚDO ANALISADO

O material a seguir foi encaminhado à autora deste artigo por sua tia, em ambiente de whatsapp. De acordo com Wardle (2017), é uma informação equivocada (misinformation), pois o emissor não tem a intenção de causar danos ao receptor – pelo contrário, o compartilhamento se deu justamente pela “empatia de sentimentos, laços afetivos e partilha de convicções comuns”, conforme Correia, Gerónimo e Gradim (2019).

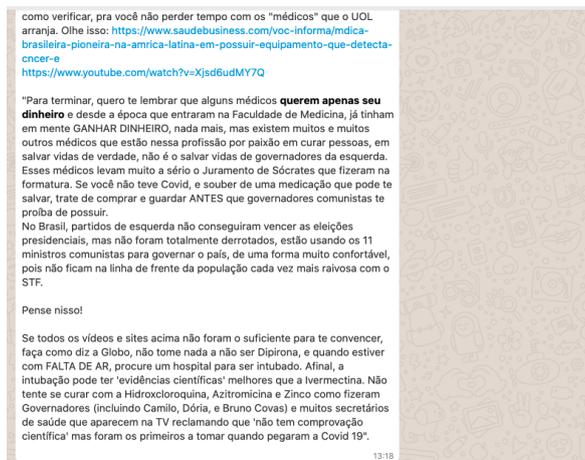
Mas quem originalmente produziu o conteúdo o fez com a intenção de disseminar desinformação (logo, o fez com o objetivo de causar dano).

Figura 1 Print de tela de mensagem de WhatsApp (parte 1)



Fonte: WhatsApp da autora.

Figura 2 Print de tela de mensagem de WhatsApp (parte 2)



Fonte: WhatsApp da autora.

Tabela 1- Análise estrutural da mensagem.

Trecho do texto	Explicação
“ <b>PRECISA</b> ” (no título, em caixa alta)	O uso da palavra precisa em caixa-alta, logo no início da mensagem, chama a atenção e desperta o interesse do receptor em continuar a leitura. Além disso, causa um primeiro impacto (frame first) positivo, que constrói uma relação de necessidade e confiança com o leitor. A transmissão de informações tem como característica “focar na formação de uma primeira impressão duradoura” (firehosing, frame first)
“Existe um documentário espetacular”	O adjetivo “espetacular” qualifica o substantivo documentário, e formata a impressão das pessoas em relação ao conteúdo da mensagem. Ou seja, já partimos do pressuposto que a mensagem terá algo importante e de valor. (frame first)
“Recomendo fortemente que você assista e repasse essa mensagem a seus familiares e amigos queridos, aqueles que você não gostaria que morram”	Recomendo fortemente = apelo emocional – o autor busca controlar as pessoas por meio de seus sentimentos e medo de perda. Desse modo, incita o compartilhamento e divulgação da mensagem.
“Existem médicos que apoiam o uso profilático da Ivermectina, e estes profissionais não querem forçar o uso, querem somente a independência médica para receitar a Ivermectina a seus pacientes sem serem punidos ou demitidos”	Uso profilático = Termo de difícil compreensão, que evita questionamentos e gera credibilidade ao conteúdo. Independência médica = expressão similar à ideia defendida pela bancada governista na CPI da Covid (autonomia médica). São termos diferentes com significados iguais. Geram familiaridade com a informação e, conseqüentemente, sua aceitação (firehosing).

<p>“Para os que acreditam que a Ivermectina ataca o fígado, a maior defensora da América Latina a favor da Ivermectina, é também a proprietária do melhor equipamento para detectar câncer e hepatite, logo, ela sabe o que diz e tem como verificar, pra você não perder tempo com os "médicos" que o UOL arranja.”</p>	<p>Surge a figura da especialista, que é proprietária de um equipamento para detecção de hepatite (doença detectável por exame de sangue, não por exame de imagem). Não há coerência na mensagem. (firehosing)</p>
<p>"Para terminar, quero te lembrar que alguns médicos <b>querem apenas seu dinheiro</b> e desde a época que entraram na Faculdade de Medicina, já tinham em mente GANHAR DINHEIRO, nada mais, mas existem muitos e muitos outros médicos que estão nessa profissão”</p>	<p>Nesse trecho podemos perceber que o discurso é desconectado do restante. (falta de consistência no conteúdo = firehosing) Uso de caixa alta e negrito para constantemente chamar a atenção do leitor.</p>
<p>“Se você não teve Covid, e souber de uma medicação que pode te salvar, trate de comprar e guardar ANTES que governadores comunistas te proíba de possuir.”</p>	<p>Aqui temos apelo (beirando a chantagem) emocional, e surge o perigo comunista (complô governamental) em meio à ausência de concordância verbal (governadores comunistas te proíba...)</p>
<p>“No Brasil, partidos de esquerda não conseguiram vencer as eleições presidenciais, mas não foram totalmente derrotados, estão usando os 11 ministros comunistas para governar o país, de uma forma muito confortável, pois não ficam na linha de frente da população cada vez mais raivosa com o STF.”</p>	<p>Sai de campo a Ivermectina, e entra em campo o grande complô governamental contra o cidadão de bem. Aqui, percebe-se nitidamente a estrutura do discurso Nós X Eles (VAN DIJK, 2000, p. 7): nós vencemos, eles foram derrotados; eles são comunistas, nós somos gente de bem.</p>
<p>“Se todos os vídeos e sites acima não foram o suficiente para te convencer, faça como diz a Globo, não tome nada a não ser Dipirona, e quando estiver com FALTA DE AR, procure um hospital para ser intubado. Afinal, a intubação pode ter 'evidências científicas' melhores que a Ivermectina.”</p>	<p>No último parágrafo da mensagem temos uma retomada ao apelo emocional que beira à chantagem típica de relacionamentos abusivos e tóxicos (SALLORENZO, 2021). As aspas em ‘evidências científicas’ trazem a inferência sugerida de ironia, também como forma de desacreditar o discurso externo, e também como</p>

	forma de chantagem emocional típica de relacionamentos abusivos e tóxicos.
--	--

Feita a análise da estrutura e do viés ideológico que aparecem na mensagem podemos concluir que o autor vai jogando com as ideias para levar as pessoas a concordarem com suas alegações e proposições. E, se no início da mensagem o leitor estava livre para “tirar suas próprias conclusões”, no final do texto havia todo um trabalho para praticamente sequestrar a confiança do leitor. A mensagem direciona minuciosamente suas palavras e ataques ideológicos a determinados grupos (de grandes grupos de mídia a evidências científicas, passando por partidos políticos).

Os apelos emocionais e os menos são trabalhados constantemente de forma a controlar toxicamente o leitor, como em uma relação abusiva. Assim, o leitor é levado a confiar nas informações e a compartilhar.

Esse tipo de desinformação é capaz de se conectar com diversos outros frames na cabeça das pessoas e criar uma narrativa para aceitação e confirmação da mensagem não só pelos frames ativados, como também pelo “viés de proximidade” (CORREIA, JERÓNIMO e GRADIM, 2019) que “gera familiaridade com a informação” (firehosing). Vejamos alguns frames ligados a essa mensagem:

- O coronavírus está matando milhões de pessoas
- O governo é corrupto e quer ganhar dinheiro
- A mídia manipula as informações
- A verdade é oculta
- Se o tratamento for barato o governo não consegue ganhar tanto dinheiro
- A mídia não consegue ter tanta audiência como conseguiu desde o início da Pandemia
- Preciso proteger as pessoas que amo
- Os médicos estão trabalhando apenas por dinheiro
- As pessoas que trabalham por dinheiro são mercenárias
- Os médicos e o governo ganham mais dinheiro com isso
- Não querem que você use um medicamento mais barato
- Aqueles que não concordam são comunistas
- Comunistas quebraram / roubaram o país
- Estão tentando enganar a população

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O material analisado é muito bem enquadrado no que a Unesco conceituou de desinformação, pois cria confusão referente à ciência médica, com impacto imediato em todas as pessoas do planeta e em sociedades inteiras.

A mensagem demonstra minuciosamente os métodos e a formatação de conteúdos que, dentro do conceito de firehosing “sequestram” a confiança das pessoas que passam a compartilhar informações incorretas.

O material analisado é aparentemente uma mensagem inofensiva que incentivava o consumo de ivermectina, mas percebe-se, neste artigo, que as técnicas das quais essa mensagem de whatsapp se vale podem também atentar contra o Estado Democrático de Direito. É o que se depreende da leitura da ordem de prisão emitida pelo Supremo Tribunal Federal (STF) contra Allan dos Santos.

Diz o texto do STF que os métodos usados apontam “para uma atuação incisiva nas redes sociais e na articulação com agentes públicos e políticos nacionais, sempre utilizando a aparência de cobertura jornalística para validar seu discurso.” E utilizam do “discurso radical” para maquiar uma prática de crimes, de ódio e de incitação a práticas nocivas à harmonia.

O documento do Supremo Tribunal Federal prossegue afirmando que “a difusão de teorias conspiratórias voltadas a desacreditar pessoas, instituições, processo eleitoral brasileiro, reforça e agrava a polarização político-ideológica” com o principal objetivo de gerar hostilidade dentro da própria sociedade brasileira.

Observa-se, igualmente, a utilização de vários perfis que utilizam como intermédio a internet para publicação de conteúdos criminosos. O próprio STF reconhece que essas práticas são perfeitamente explicadas pelo fenômeno do Firehosing (RAND CORPORATION, 2016). Esperamos ter demonstrado com este artigo que o fenômeno do Firehosing, por sua vez, é explicado pela teoria cognitiva dos frames, notadamente a de George Lakoff (2008).

Este trabalho, portanto, demonstrou que há teorias dentro da linguística cognitiva que ajudam a entender e explicar os fenômenos cognitivos causados pelas chamadas Fake News e ajudam, inclusive, a caracterizar crimes contra o Estado Democrático de Direito.

## 5 REFERÊNCIAS

- CORREIA, J. C.; JERÓNIMO, P.; GRADIM, A. Fake News: emoção, crença e razão na partilha seletiva em contextos de proximidade. **Brazilian Journalism Research**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 626-651, Dez 2019. Disponível em <  
<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1219> >Acesso em 02 jan 2020 DOI:  
 10.25200/BJR.v15n3.2019.1219.
- LAKOFF, G. **The Political Mind**: a cognitive scientist's guide to your brain and its politics. New York: Penguin Group, 2008.
- RAND CORPORATION. **O modelo de propaganda "Lança-chamas de mentiras" da Rússia**. Santa Monica: RAND, 2016. Disponível em <  
<https://www.rand.org/pubs/perspectives/PE198.html> >Acesso em 27 jun 2020.
- SALLORENZO, L. Luiz Fux e o abuso discursivo de Bolsonaro. **Jornal GGN**, 2021. Disponível em: <<https://jornalggm.com.br/analise/luiz-fux-e-o-abuso-discursivo-de-bolsonaro-por-leticia-sallorengo/>>. Acesso em: 27 out 2021.
- UNESCO. **Desinfodemia**: Decifrar a desinformação sobre a Covid-19. Paris: Unesco, 2020.
- VAN DIJK, T. **Ideology and discourse**: a multidisciplinary introduction. Barcelona: [s.n.], 2000. Disponível em: <http://www.discourses.org>. Acesso em: 18 jul. 2015.
- VAN DIJK, T. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2012.
- WARDLE, C. **Information Disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Estrasburgo: Conselho da Europa, 2017.